

**ABORDAGEM HISTÓRICA DOS AFIOS AUMENTATIVOS:
-ÃO, -ADA, -ARIA, -EIRO, -UDO, -AÇO, -ENTO E -OSO**

Regina Simões Alves (UFRJ)
salvesregina2011@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho surge do questionamento sobre o porquê de se ter na língua portuguesa tantos afixos com sentido de aumento, a exemplo de *-ão*, *-aço*, *-ada*, *-aria*, *-eiro* (a), *-udo*, *-ento* e *-oso*. Estamos diante de diferentes sufixos que podem ser adjungidos a uma mesma base e cujos produtos não compartilham, na maioria das vezes, da mesma interpretação, como em “cabelão”, “cabelada”, “cabeleira”, “cabeludo”, “pio-lhão”, “pioalhaço”, “piolhento”, “piolhada”, “piolhudo” etc. Alguns afixos passaram a imprimir o sentido de aumento, de acordo com a sua história, mesmo quando a língua já dispunha de outros formativos para esse fim. O trabalho visa apresentar abordagens históricas desses afixos que figuram em construções de aumento e observar a inflexão aumentativa adquirida ao longo da história dos mesmos e atestada através dos dados coletados em compêndios de gramática histórica (SAID ALI, 1966; COUTINHO, 1968; MACHADO, 1967) e, principalmente, em dicionários etimológicos e eletrônicos e também por consulta à base de dados de “*Corpus do Português*”. Com base na constatação da afinidade semântica entre esses sufixos é possível observar a relação semântica de aumento existente entre eles no processo de formação de palavras e defender que de acordo com os princípios de não sinonímia e poder maximizado de Goldberg (1995) essas formas não são sinônimas, o que explicaria a mudança que os dotaram da capacidade de atualizar essa noção de aumento.

Palavras-chave:

Construção aumentativa. Gramática das construções. Formação de palavra

1. Introdução

Esta pesquisa sobre o percurso histórico dos sufixos que figuram na construção de aumentativo se justifica porque trabalhamos com a hipótese de que a origem do afixo influi no significado atual do afixo. Propomos este percurso para melhor compreensão de seu uso e significado atualmente. Em outra pesquisa realizada (ALVES, 2011), através do percurso histórico do afixo *-ão* (aumentativo), observou-se que algumas palavras que possuíam no latim o formativo *-one*, *-onis* não passaram ao português com a forma *-ão*, a exemplo de ‘*capitō*, *-ōnis*’ que significa “o que tem a cabeça grande” (FARIA, 1994). Em português, a forma resultante é ‘cabeçudo’, que data de 1220 e possui o mesmo significado. A forma ‘cabeção’ (séc. XIII) significa “cabeça grande...” (HOUAISS, 2009) e não ‘aquele que possui a cabeça grande’, ou seja, não possui o

sentido de posse, fato que nos leva a formular a hipótese de que a forma ‘*capito, -onis*’ passou ao português, como vimos mais acima, com o sufixo -udo. O mesmo se observa com palavras do tipo ‘*lanio, -ōnis*’, cuja tradução é ‘carniceiro, açougueiro’. Segundo Väänänen (1967), o sufixo -onis significava, *primeiramente*, nos sobrenomes derivados de nomes de objetos, a qualidade individualizada e o mesmo ocorreu com verbos, a exemplo de “*bibere > bibo, -onis*: beberão; *glutire > glutto, -onis*: glutão”. Em *segundo* lugar, figura em palavras como ‘*lanionis*’ para indicar, nesse caso, uma atividade. O significado em português se materializou no sufixo -eiro, que, por sua vez também tem, como -one, o significado de ‘aumento’ (grande quantidade de) a exemplo de ‘*lameceiro*’ e ‘*aguaceiro*’. Por não haver trabalho que relacione os sufixos apresentados, pretendemos mostrar essa relação, mas somente no que se refere à semântica de aumento.

2. A visão dos sufixos na gramática tradicional

É importante observar que a visão tradicional a respeito de tais afixos em muito difere da visão defendida por outros estudiosos e pelo presente trabalho. Bechara (2001), no capítulo que trata dos processos de formação de palavras, precisamente na seção em que aborda a derivação por sufixação, separa os sufixos de acordo com sua finalidade ou acepção. É característica desses afixos, a exemplo de -ão, -udo, -eiro, apresentarem mobilidade categorial, pois selecionam várias classes de palavras de base e geram produtos de várias categorias, sendo considerados, portanto, heterogramaticais. Vejamos em que grupo(s) o autor aloca os afixos estudados e os exemplos dados por ele:

O sufixo -eiro(a), por exemplo, é alocado em cinco grupos diferentes:

- 1) como um dos principais sufixos formadores de substantivo (lavadeira, padeiro),
- 2) para significar abundância, aglomeração, coleção (desgraceira),
- 3) para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva (açucareiro, chocateira),
- 4) para formar nomes de naturalidade (brasileiro),
- 5) para formar adjetivo (costumeiro, verdadeiro).

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

O sufixo *-ada* é incluído em quatro grupos:

- 1) derivados de verbo (estada) [estadia na norma de Portugal],
- 2) derivados de substantivo (laçada, braçada, pousada),
- 3) para significar abundância, aglomeração, coleção (boiada),
- 4) para formar adjetivo (barbado).

Os grupos do sufixo *-aria* são três:

- 1) para significar lugar, meio e instrumento (livraria, tesouraria),
- 2) para significar abundância, aglomeração, coleção (cavalaria, infantaria),
- 3) para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva (livraria, mercearia).

São dois os grupos do sufixo *-ão*:

- 1) para formar nomes de naturalidade (coimbrão),
- 2) principais sufixos de nomes *aumentativos* muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente (cadeirão, homenzão, [formas encorpadas: vozeirão, coparrão, homenzarrão, grandalhão, chapeirão, toleirão]).

O sufixo *-aço(a)* apresenta quatro grupos:

- 1) derivado de substantivo (vidraça),
- 2) para significar abundância, aglomeração, coleção (chumaço),
- 3) aumentativo (ricaço, barçaça, copaço),
- 4) diminutivo (fumaça).

O formativo *-udo* apresenta apenas um grupo:

- 1) para formar adjetivo (barrigudo, cabeçudo).

São dois os grupos de *-oso*:

- 1) para formar nomes técnicos usados na ciência [NA.1, 123-124] (cloreto mercurioso),
- 2) principais afixos para formar adjetivos (bondoso, fastoso, untuoso, espirituoso).

O sufixo *-ento* também figura em dois grupos:

- 1) aumentativo (farturento),
- 2) para formar adjetivo (cruento, corpulento).

De acordo com o autor, os afixos estudados são distribuídos da seguinte forma: a) *-eiro*, *-aria* e *-ada* (com acepção aumentativa) são colocados no grupo de sufixos que significam abundância, aglomeração, coleção; b) *-ão*, *-aço* e *-ento* são alocados no grupo dos sufixos aumentativos e c) *-udo* e *-oso* são alocados no grupo de sufixos formadores de adjetivo, mas Bechara não explica que *-udo* e *-oso* atualizam uma semântica de aumento de tamanho para ‘mais’ ou ‘muito’ ou ‘grande’. Contudo, na seção que descreve a gradação do adjetivo, indica três tipos de gradação: o positivo, o comparativo e o superlativo. Na mesma seção, defende que ‘o positivo’ não constitui a rigor uma gradação, enunciando simplesmente a qualidade, e exemplifica com ‘cuidadoso’; portanto, para ele, o sufixo *-oso* pode ser inserido entre os sufixos que indicam gradação, mas, ao mesmo tempo, restringe a noção aumentativa do formativo. Nesse caso, o afixo não é considerado um protótipo da categoria aumentativo e ocuparia um lugar na periferia do centro prototípico. Quanto ao formativo *-udo*, o autor não explica sua noção aumentativa e chega a excluí-lo de sua descrição no capítulo que trata da formação de adjetivos.

2.1. O sufixo aumentativo *-ão*: primeiros estudos

Apresentamos nesta seção o percurso histórico do afixo *-ão* de acordo com Alves (2011). Ela mostra um fato que influenciou na formação dita “encorpada” (Cf. MACHADO, 1941) da terminação (*-onis*) que mais tarde resultou no sufixo estudado. O desgaste fonológico sofrido pelos vocábulos, devido ao acento de intensidade do latim, reduziu, por vezes, esses nomes a uma única sílaba. Os monossílabos resultantes foram reforçados com o uso de sufixo e prefixo de várias espécies, assim sur-

gindo, por exemplo, o aumentativo, usado, de acordo com esse autor, tão somente para dar corpo ao vocábulo original. Portanto, inicialmente, o afixo foi adjungido a palavras tão somente para aumentá-las de tamanho. Como afirma Machado: “os sufixos primitivos *-n- ěn, -õn, -õn* entram na estrutura de palavras antigas para ampliá-las: *sangu-is, sangu-in-is, car-o car-n-is, ingu-en-is > inguinis*” (MACHADO, 1941, p. 352-353). São, para ele, sufixos latinos que não possuem significado próprio. Segundo o autor (*op. cit.*), o sufixo *õ* (vogal média posterior longa) influenciou, mais do que qualquer outro, na formação de substantivos de qualidade, que originaram, depois, sobrenomes e apodos que designam a qualidade individualizada: *Cícero Ciceronis*, de *cicer*. *Ciceronis* significa ‘o mais brilhante orador de Roma’ ou ‘oradores comparáveis a *Cícero*’ ou, ainda, ‘eloquentes como *Cícero*’. Machado destaca ainda que, com formação idêntica, o sufixo *-õn-* forma substantivos que indicam uma espécie de aumentativo, como em *edo > ed-on-is > edonis*: “comilão”.

Väänänen (1967) postula que os sufixos *-o, -onis* originalmente serviam para formar nomes que faziam pares com adjetivos em *-us, -a, -um*: *manducus > manduco* (“tragador” ou “comilão”) (cf FARIA, 1994, p. 329). Esse sufixo, segundo ele expressivo, designa *primeiramente*, nos sobrenomes derivados de nomes de objetos, a qualidade individualizada: “*frons – fronto*: o que tem a frente grande; *nasus – nāsō* (Naso)”, em que Nasão é um sobrenome romano. Väänänen (*op. cit.*) salienta que o mesmo ocorreu com verbos: “*bibere > bibo*: beberrão; *gluttire > glutto*: glutão”.

Devido ao exposto, é lícito dizer que a desinência *-onis* não se constituía, no latim clássico, em sufixo puro, mas uma terminação do genitivo singular da terceira declinação para nomes terminados em *-o, -o*, como, por exemplo, *Cícero – Ciceronis, Otto – Ottonis, Bruno – Brunonis*.

No latim medieval, essa terminação continua a ser usada com a mesma função, mas assume o estatuto de sufixo com característica de aumentativo, transmitindo a ideia de afeto, simpatia e benquerença, quando aplicado a nomes próprios, como destacado acima. O latim vulgar *conservou* e *ampliou* as aplicações primitivas do sufixo “*-o*” com a terminação “*-one*”, desenvolvendo uma aplicação aumentativa, como atestam as línguas românicas: Italiano: *boccone*, espanhol: *bocón*, português: *bocão, bocona* (segundo a norma gramatical, *bocarra*). Portanto, as terminações *-one, -on* e *-ão* são, respectivamente, os principais sufixos aumentativos dessas línguas.

Coutinho (1971) afirma que sufixo aumentativo era raro no latim e que os escritores romanos tinham preferência pelo processo analítico: “*dorsum immane*” (dor imensa), “*altum dolorem*” (alta dor, dor intensa/aguda/grande). Destaca, ainda, que alguns sufixos aumentativos usados no português “não passam de terminações latinas que significavam coisas ou objetos grandes” (COUTINHO, 1971, p. 240). Quanto ao *-ão*, do latim *-one*, afirma que o mesmo se junta a temas verbais (designando agente, como em ‘brigão’, ‘chorão’) e nominais (designando tanto aumento de proporções como aumento de intensidade, a exemplo de ‘casarão’, ‘sabichão’, ‘pobretão’). Destaca, por fim, que entre o tema e o sufixo pode vir uma consoante de ligação (*-r-*, *-ch-*, *-t-*), como vemos nos exemplos acima.

Rosa (1982), em sua dissertação, concorda com Rocha Lima (2006[1972]) que o sufixo formador de aumentativo, por excelência, é o *-ão*. A divergência maior de seu trabalho, comparado ao de Alves (2011), é que Rosa (*op. cit.*) defende, assim como Bechara (2002) e Rocha Lima (*op. cit.*), entre outros autores, que o grau aumentativo é utilizado como forma de deprecição e que “sua afetividade é tida como indicadora, em geral, de desprezo” (ROSA, p. 18). Rosa também exclui formas como ‘babão’, ‘reclamão’ e ‘esfregão’ da categoria ‘aumentativo’. Para a autora, o aumento tem que incidir sobre o referente para o afixo ser considerado ‘aumentativo’, diferentemente de Alves (2011) que compartilha a afirmação de Sandmann (1998) de que o sufixo de grau aumentativo se presta, especialmente, ao desempenho das funções expressivas e apelativas, centradas no emissor e receptor, e bem menos na função referencial, centrada no objeto ou referente. Assim também afirma Villalva: “a descrição da interpretação da semântica das palavras que esses sufixos integram é complexa, não se esgotando na expressão de dimensão...” (VILLALVA, 2003, p. 958). Também Gonçalves (2011) defende que o grau pode servir de veículo para o falante exteriorizar sua impressão a respeito de algo ou de alguém. Em ‘chorão’, ‘beberrão, pidão’, o que se ressalta não é o tamanho do referente, e sim a intensidade da ação habitual.

Rio-Torto (1998) defende a homonímia presente no sufixo *-ão*. Segundo ela, esse formativo é analisado, no português contemporâneo, como quantificador aumentativo, sendo suscetível de se agregar a bases substantivas, adjetivas e verbais. Sublinha, categoricamente, que não se trata de apenas um sufixo e sim “de tantos outros homônimos quantas as diferentes relações categoriais e/ou semânticas envolvidas na sufixação de *-ão*” (RIO-TORTO, 1998, p. 150). A autora separa os produtos de

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

acordo com a categoria a que pertencem com relação às bases e não de acordo com as acepções que o afixo adquire. Nesse sentido, Rio-Torto (1998) divide as formas derivadas *X-ão* em dois grandes grupos: a) isocategoriais (denominais, deadjetivais e diminutivo) e b) heterocategoriais (adjetivos denominais, *nomina actionis* [deverbais]). Observamos que, em palavras como ‘chorão’, ‘comilão’, ‘fujão’, casos por ela chamados de incômodos e “derradeiros”, o sufixo acumula a função de agente com a de intensidade, o que para Rio-Torto é impossível:

De resto, uma solução deste tipo colide com o recorte semântico das operações derivacionais actuanes na língua portuguesa, porquanto nesta não há lugar para uma operação afixal que contemple simultaneamente uma relação heterocategorial e uma relação, também sistêmica, mas isocategorial, ainda que de intensificação. (RIO-TORTO, 1998, p. 171)

A solução encontrada pela autora é a de defender que há um afixo *-ão* formador de adjetivos deverbais (“que V”), os quais, uma vez nominalizados, podem designar “aquele que V”. No caso dos deverbais, ainda há os nomes instrumentais, como ‘esfregão’, ‘pilão’, ‘podão’, cuja paráfrase é ‘instrumento com o qual um agente humano executa a ação denotada pelo verbo’ ou ‘aquilo (com) que (se) V’. Segundo Rio-Torto (*op. cit.*), há argumentos contra e a favor da inclusão desse grupo no grupo dos “*nomina agentis*”, grupo esse, segundo a autora, marcado pelo traço [+humano]. Em todos os exemplos, citados acima, temos uma ação que exige força humana para sua execução. Rio-Torto defende que “o sistema derivacional do português contemporâneo não possui um só afixo *-ão*, mas vários sufixos homônimos com a mesma estrutura formal” (RIO-TORTO, 1998, p. 172-173). Temos homônimos no grupo dos isocategoriais: os que têm valores aumentativo-intensivo e diminutivo, com origem em *-one*. No grupo dos heterocategoriais, estão o sufixo *-ão* com valor relacional cuja origem está em *-anu* e o sufixo *-ão* deverbal que engloba os nomes de ação e os agentivos, todos com origem em *-one*.

Se tomarmos apenas o sufixo *-ão* aumentativo, conforme a divisão da autora, teríamos apenas os denominais cuja operação semântica é de dimensão ou intensidade, já que para ela os deverbais formariam um grupo distinto. De acordo com Alves (2011), pontuamos no que diz respeito às várias acepções do afixo aumentativo, que não são casos de homonímia, mas de polissemia. Contudo, fazemos ressalva no que se refere à formação deverbal.

Autores, como Mattoso Camara Jr., Said Ali e Coutinho, incluem a formação agentiva (‘babão’, ‘comilão’) na categoria aumentativo e li-

gam essas formações ao sufixo latino *-one*, com exceção de Said Ali (1971) que o liga a *-onis*. Porém, no que diz respeito a essas formações, podemos, sim, admitir um caso de homonímia se concordarmos com Pharies (2002). O autor postula que o sufixo tem duas origens e funções: como sufixo nominal aumentativo, remonta a *-ō -ōnis*, sufixo latino utilizado para derivar majoritariamente designações de pessoas a partir de bases verbais e nominais. O outro (*-iō -ōnis*) tem a função de derivar nomes de ações bruscas a partir de verbos. Os dois tipos acabam se influenciando mutuamente. Segundo afirma o autor, é costume dizer que *-ō -ōnis* desempenha uma função “individualizadora” em latim e designa pessoas que se destacam por alguma ação ou característica habitual, geralmente indesejável. Como se trata de ação, o produto tem por base um verbo (*errō -ōnis* ‘vagabundo’ > *errō -āre* ‘vagar’), (*bibō -ōnis* ‘beberrão’ > *bibō -ere* ‘beber’) etc., enquanto os derivados de radicais nominais, conforme destacamos anteriormente, fazem referência a sobrenomes baseados em características pessoais (*frontō -ōnis* ‘pessoa que tem a frente larga’ > *frons -ntis* ‘frente’). Por outro lado, *-io -onis* é sufixo latino de *nomina actionis* (-ção em português) e alguns derivados desse último afixo fazem referência às ações bruscas, violentas ou repentinas exemplificadas, inicialmente, com *-ção* que sofre mudança no final do século XV, época em que surgem exemplares com *-ão*, a exemplo de ‘empurrão’, ‘encontrão’, ‘apertão’, de acordo com Pharies.

Há controvérsias também em relação à produtividade do sufixo *-ão* aumentativo entre os autores citados. Alguns o analisam como produtivo, mas Mattoso Câmara (1970) o analisa como pouco produtivo, bem como Coutinho (1971). Na verdade, em Alves (2011), o afixo é considerado muito produtivo e conforme observamos na pesquisa, os dados comprovam essa afirmação. O afixo é adjungido a diferentes tipos de bases (substantiva, adjetiva, verbal, adverbial) e possui várias acepções, como mostramos no quadro 1, abaixo. Esse afixo tem, hoje, juntamente com o diminutivo, uso extremamente enriquecedor no campo lexical e possui uma enorme capacidade linguística de expressividade.

Com a pesquisa histórica sobre o afixo, podemos afirmar que ele possui, desde sua origem, um teor semântico de aumento, o que corrobora com o fato de ser considerado o prototípico entre todos os outros. Vejamos alguns dados com *-ão* e suas respectivas datas:

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Afixo: <i>-ão</i>	Base substantiva	Base Adjetiva	Base adv.	Base verbal
Dimensão (tamanho)	cachorrão (1922), narigão (1716), bundão (1913) carrão (1595), casarão, (s/ data),	Altão, gordão (s/d)		
Intensidade	calorão (s/ data), trabalhão (1881)	felizão (1899), esperalhão (s/ d), lentão (não dicionarizada) pobretão(1819),	rapidão, cedão, tardão	<i>Agentivo:</i> babão(1712), beberão (séc. XV), brigão (séc. XVI), cagão (a 1836), chorão (1562), fujão (1562), comilão (1603), vacilão <i>Uiensílio:</i> podão <i>Ato ou efeito:</i> chupão (1712) safanão (1874), puxão (1844)
Quantidade	dinheirão, pozão (s/ datação), loução			
Valoração (afeto > muito afeto, simpatia)	Filhão, mãezona, Marcão,	amigão		
Valoração (muita beleza, conforto, importância e grandeza)	bundão (1913), carrão (1595)*, feirão (1913), pernã (1899), mulherão (1881)			
Metonímia	Empadão (1890), salão (1672-1693), paredão (1660)	Frescão (ônibus com ar condicionado -s/d), quentão (bebida) séc. XX		
Metáfora	Cebolão (1258), orelhão(s/datação), sapatão (1858*), tijolão (celular grande)			cagão (a 1836), galinhão

Quadro 1: Tipos semânticos de produtos em *-ão* aumentativo

O formativo pode ser agregado a uma base numeral formando adjetivo, como por exemplo, a) vintão (s/d), b) trintão (s/d), c) quarentão

(1817-1819), d) cinquentão (s/d), e) sessentão (s/d), f) setentão (s/d), g) oitentão (1873) e noventão (s/d). Observemos o dado abaixo:

(01) “Ele é um sessentão⁶⁷ requisitado no mercado de trabalho”.

‘Sessentão’ faz referência a uma quantidade de anos vividos por uma pessoa que a torna experiente, apesar de ser, em nossa cultura, uma idade já elevada para esse tipo de atividade laboral. No exemplo abaixo o afixo não atualizaria uma ideia de quantidade elevada:

(02) “Bahia reduziu o ingresso pra 20 – “vintão” no setor popular”⁶⁸.

Nesse caso, ‘vintão’ faz referência a um valor irrisório. O afixo não exprime uma ideia de grande quantidade, mas, um teor avaliativo.

Rio-Torto (1998) inclui essa acepção no grupo dos heterocategoriais e na subclasse dos adjetivos denominais com origem na forma latina *-anu*. A autora não o considera um exemplo de aumentativo e afirma ser esse *-ão* relacional uma forma homônima do afixo *-ão* aumentativo. Pharies (2002) afirma que o aumento, nesse caso, não recai no referente e sim no número de idade que é considerado demasiadamente grande, o que não seria verdade em ‘vintão’, conforme explicado acima. Em nosso trabalho, apesar de observarmos um sentido avaliativo nesse uso, não o colocaremos na categoria aumentativo, pois percebemos que é o numeral que traz a semântica de quantidade e a origem desse sufixo relacional não é a mesma do sufixo aumentativo.

Observando os dados, podemos afirmar que a datação nos fornece dois importantes esclarecimentos acerca das formas deverbais: (1) boa parte tem entrada anterior à das formas nominais e (2) a formação mais antiga com adjunção do afixo aumentativo em português é deverbal, a exemplo de ‘glutão’ (sXIV) e ‘beberrão’ (sXV).

2.2. O sufixo *-aço*, desde sua origem.

O sufixo *-aço* vem do latim *-āceus* (var. *ācius*), que formava adjetivos, denotando matéria, semelhança, etc. Segundo Maurer Junior

⁶⁷ Palavra usada por um jornalista da Rede Globo numa matéria que trata da falta de mão de obra qualificada no mercado de trabalho da construção civil exibido em 06/08/11.

⁶⁸ Disponível em: globoesporte.globo.com/pr/torcedor de 18/11/2013. Acessado em 18/09/2015.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

(1959), o afixo, nas línguas românicas, tem muitas vezes sentido pejorativo e aumentativo. Observemos os exemplos (a): *Vinaceus*: (espécie de vinho), ‘mau vinho’ (em português, vinho) e (b) *carnaceus*: (relativo à carne), carne de má qualidade, salsicha. De acordo com Pharies (2002), trata-se de um sufixo latino utilizado para derivar adjetivo de pertencimento a partir de bases substantivas, mas o sentido aumentativo se desenvolve pela primeira vez no latim falado ocidental. No que diz respeito à língua portuguesa, grande parte dos produtos com -aço são substantivos.

Em Rosa (1982), conseguimos visualizar, através da testagem que a autora fez, a mudança na semântica de -aço e também o aumento de sua produtividade. Vejamos o que afirma a autora:

“...somente falantes da faixa etária de sessenta anos fizeram leituras como: ‘mulheraço’ (mulher vagabunda, vulgar, debochada), ‘jogaço’ (jogo vagabundo), ‘maridaço’ (marido mais ou menos), apartamentação (apartamento mais ou menos) e ‘carraço’ (aumentativo de carro, mas bem pejorativo)”. (ROSA, 1982, p. 40)

Segundo Rosa, falantes adultos somente “aceitavam termos consagrados pelo uso: ‘golaço’, ‘filmaço’, ‘jogaço’...” e rechaçavam termos como “‘sonzaço’, ‘musicaço’, ‘solzaço’...” que eram naturalmente utilizados pelos jovens.

Em Bechara (2002), encontramos o exemplo ‘mulheraça’⁶⁹ com significado pejorativo, o que vai de encontro com a pesquisa de Rosa (1982), que conseguiu identificar a mudança semântica do afixo, vinte anos antes da afirmação de Bechara (*op. cit.*). A autora afirma que os jovens reconheciam no sufixo -aço um valor positivo e que a noção pejorativa do afixo praticamente se perdeu. Para os jovens que participaram da pesquisa, ‘mulheraço’, por exemplo, é uma “mulher com físico perfeito”, bem como ‘apartamentação’ é um “apartamento bem decorado” (ROSA, 1982, p. 41). Tais definições corroboram com o Princípio da Não-Sinonímia de Goldberg (1995) e o valor positivo que o afixo possui atualmente. Concluímos, de acordo com a pesquisa histórica, que o afixo se prestava à função avaliativa, expressando um conteúdo pejorativo e mais tarde adquire a noção de avaliação positiva. Também observamos que ad-

⁶⁹ O exemplo está no feminino, diferentemente de Rosa (1983). Falaremos da diferença de gênero em outro momento do trabalho.

quiriu a noção de aumento como em ‘piolhaço’. Observemos no quadro 2 alguns dados com -aço.

Afixo -aço	Base substantiva	Base adj.	Base adv.	Base verbal
Valor intensivo	Solzaço	bonzaço, curtaço, felizaço, gordaço (1576) ricaço (c1570)	cedaço,	puxaço
Dimensão	balaço (1675), piolhaço, mulheraça (1845-1881)	Gordaço (1576)		
Valoração (beleza, eficácia, qualidade positiva)	apartamentoço, corpaço (s/datação), filmaço, golaço (s/ datação), jogaço, mulheraço, vidaço	mulataço		
Metonímia	Balaço, buzinaço (d1985), panelaço			cagaço (1873),

Quadro 2: Produtos com a acepção aumentativa com o sufixo -aço.

Há exemplos de palavras em -aço com sentido pejorativo, porém elas têm datação antiga, anteriores ao trabalho de Rosa (1983)⁷⁰.

2.3. O formativo -ada e sua origem

O afixo -ada, consoante Maurer Jr (1959), tem sua origem no particípio passado latino na forma *-ata*, mais precisamente da forma de feminino, junta-se a temas substantivos para designar conteúdo, depois coleção e ato. É um formativo provindo de uma desinência latina com aspecto perfectivo (particípio passado ou supino de verbo da primeira conjugação). O afixo foi e continua sendo produtivo e é adjungido a diversos tipos de bases, conforme o lexicógrafo Houaiss (2009). Nesse caso, o sufixo pode ser (a) formador de adjetivo adjungido a formas verbais substantivadas do particípio passado na forma feminina, tendo a acepção de *resultado de ação (incluindo golpe)*: ‘alfinetada’ (1858), ‘chegada’ (d.s.XIII), ‘misturada’ (1623); (b) acrescido a uma base nominal (substantivo) para formar substantivos ligados à *culinária*, como em ‘abacatada’ (sXIX), ‘laranjada’ (1640), ‘galinhada’ (s/d), (c) indicador de espaço de *tempo*: ‘alvorada’ (sXV), ‘noitada’ (1873), ‘temporada’ (sXIV); (d)

⁷⁰ Como ‘gentaca’ (sécXV): conjunto de pessoas pertencentes às camadas mais baixas da sociedade. ‘Doutoraço’ (s/d): homem que se cobre de ridículo ao se por pretensiosamente na pele de um sábio. (HOUAISS, 2009).

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

relativo à *taxionomia biológica* (tendo como forma de output: *substantivo*): ‘coronada’, ‘cilioflagelada’; (e) *Medida*: ‘braçada’, ‘polegada’, ‘trovada’... Neste mesmo grupo incluiríamos outras formas de medida criadas metonimicamente como: ‘colherada’, ‘fornada’... (f) *formador de coletivo*: ‘aguaceirada’ (s/d), ‘baianada’ (1889), ‘bicharada’ (a1776), ‘cariocada’ (s/d).

Apresentamos as acepções do afixo de uma forma um pouco diferente do que se encontra no Houaiss (*op. cit.*). Como podemos perceber, o afixo apresenta vários matizes semânticos, inclusive o de aumento. O sufixo -ada em ‘chubarada’ não exprime conteúdo, coleção ou ato e sim uma noção de acúmulo, de grande quantidade ou coletividade e de acordo com o dicionário Houaiss (2009), ‘chubarada’ significa chuva abundante e data de 1899.

Pesquisas recentes vêm ao encontro do que se afirmou acima. Becker (2014) apresenta um estudo histórico do afixo e analisa vários grupos de acepções do sufixo. O único grupo que o autor não inclui em sua pesquisa é o grupo (d) descrito acima; o que faz referência à taxionomia biológica. Seguindo a mesma linha de classificação, Takahashi (2014) também exclui de seus grupos essa mesma acepção (taxionomia biológica). Os grupos desses autores são descritos de forma diferenciada, mas os exemplos são os mesmos, o que nos autoriza a afirmar que os autores possuem uma classificação semelhante. A diferença consiste na descrição semântica do grupo, no que diz respeito ao domínio conceptual. Becker nomeia um determinado grupo (na divisão do autor, grupo 4) de ‘produto alimentar, bebida’ e exemplifica com “bananada, laranjada”. Takahashi nomeia este mesmo grupo de ‘termos relacionados à culinária’ e exemplifica com: “feijoada, laranjada, cocada”. As datações do surgimento dos grupos (a partir do primeiro exemplar) diferem, no entanto. Para Becker (*op. cit.*), o grupo que designa “alimento e bebidas”, por exemplo, surgiu no século XV, já no trabalho de Takahashi (2014), esse mesmo grupo tem como data de aparecimento o século XIII. Becker aponta divergência no surgimento do afixo com a forma que tem hoje na língua. Segundo, o autor:

Os estudos diacrônicos discordam bastante no que tange a gênese do procedimento derivacional em -ada. Basicamente, podem-se distinguir duas construções avançadas na literatura linguística. Por um lado tanto Meyer-Lübke (1894), quanto filólogos posteriores, como Rohlfs (1969, p. 444) e Tekavěič (1972, p. 67), defendem a hipótese de que o sufixo surgiu como participio perfeito passivo dos verbos de 2ª e 3ª classes que ocorria junto com substantivos em expressões sintagmáticas... (p. 125-126).

Ainda segundo o autor, Collin (1918) contesta esta etimologia e apresenta outra:

Conforme sua reconstrução *-ata-* remonta ao sufixo *-tus* (com o alomorfe *-sus*), que, junto com *-(t)io*, formava *nomina actionis* (“ação ou efeito de X”) na língua latina. Os dois sufixos que, em um primeiro momento, distinguiram-se pelo conteúdo semântico (*-tio*: eventivo vs. *-tus*: resultativo), chegaram a forma dubletes como ‘abortio’, abortus.

O autor acredita que a reconstrução da gênese de *-ada* proposta por Collin (que passa pela reanálise do plural do neutro, mas é demasiado complexa para ser particularmente atraente) fornece uma explicação do momento “coletivo/sumativo” das formações em *-ada*.

Em nosso trabalho temos uma visão diferente da visão de Becker no que diz respeito às formações aumentativas atualmente. Em suas ‘Considerações finais’, o autor afirma que a acepção aumentativa perde sua vitalidade no século XIX e se estanca no século XX. Como a nossa acepção aumentativa inclui a ideia de quantidade e intensidade, além da dimensiva, como o próprio autor admitiu, concluímos que a noção de aumento no sufixo não é a primeira, mas o afixo foi utilizado para esse fim e hoje é utilizado com frequência, principalmente a partir do século XIX, como podemos ver nos exemplos no quadro 3 que apresenta formações, inclusive, sem datação por serem recentes:

Afixo <i>-ada</i>	Base substantiva	Base participial	Base adj.
Quantidade	Concreta: buracada (s/d), cabelada, chuvarada (1899) goleada (1958), lamaçada, fumaçada (1899), panelada (a1858), poeirada (1858), pio-lhada (1899),	fofocada (séc. XX).	
Intensidade	abstrata: barulhada (1954), brigalhada (1885), mentirada (a1899), caozada		
Metonímia	Braçada (sXIII)		Burrada (1647), fornada (sXV)

Quadro 3 : Produtos com o sufixo *-ada* e suas acepções aumentativas.

2.4. O sufixo *-eiro* desde sua origem

O afixo *-eiro* se origina de *-arium* (*arius* – genitivo) da língua latina. Segundo Maurer Jr (1959), o sufixo formava adjetivos, depois nomes designativos de agente e ofício, nomes de árvores, nomes de lugar.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Portanto, no próprio latim, o afixo já apresentava várias acepções. Nas línguas românicas, emprega-se abundantemente para formar nomes de agente, a exemplo de *'ferrarius'* e *'porcarius'*. Com a elipse do substantivo *'arbor'* em nomes como *arbor persicarius* (árvore de pêssigo) ou *arbor persicaria*, que passa a *persicarius* (pessegueiro), ocorre a substantivação dos antigos adjetivos em *-arius*. O mesmo aconteceu com outros sufixos designativos de árvores.

Almeida & Gonçalves (2005) apresentam um estudo cognitivista das construções X -eiro e se propõem a investigar o seu sentido mais básico; para isso, tomam por base a relação fillmoriana entre a cena de evento e os elementos básicos que integram a estrutura dessa cena, como (a) o agente, (b) a ação, (c) o local, (d) o objeto etc., apresentando ao final do trabalho uma rede polissêmica com as várias acepções do sufixo, tendo no centro, como protótipo da categoria, a acepção agentiva. Os autores identificam seis acepções para o sufixo: agente profissional, agente habitual, agente natural, locativos, intensificadores e modais e assim conceituam os intensificadores: “Esse grupo reúne formas que designam o modo da ação que pode ser intensificada com a metonímia ‘substância pelo seu excesso’: ‘lamaceiro’, nevoeiro” (ALMEIDA & GONÇALVES, p. 243). Para eles:

o grupo dos intensificadores deve ser derivado do grupo dos locativos porque nesse há uma noção de multiplicidade que é refocalizado como excesso de algo. Por serem menos tipicamente agentivos e por serem gerados por habilidades cognitivas diferentes das anteriores, são mais afastados do centro prototípico. (ALMEIDA & GONÇALVES, 2005, p. 243).

Rio-Torto (2008) faz uma reflexão em seu artigo sobre a relação entre as teorias e a realidade das mudanças linguísticas. Nesse trabalho, a autora toma como objeto de estudo o sufixo -eiro e, para ela, o valor primeiro do afixo, atestado desde os primórdios da Língua Portuguesa, é o agentivo, fato que corrobora com a descrição de Almeida & Gonçalves (2005), que colocam os agentivos no centro da rede polissêmica, porém não há consenso no que diz respeito aos intensificadores (a categoria que realmente nos interessa neste trabalho), pois, para Rio-Torto (*op. cit.*), não há como defender que os intensificadores tenham vindo da acepção locativa uma vez que os dados observados de acordo com a cronologia mostram que “desde sempre os locativos (lamaceiro, esterqueira) acusam marcas de grande quantidade, de excessividade e de avaliação...” (RIO-TORTO, 1998, p. 239).

Observamos, com base em dados históricos como de Coelho (2004, apud Rio-Torto, 2008), que não há ocorrência de casos com a noção intensiva no Português arcaico até 1536. No quadro de Coelho (2004) são encontradas cinco acepções do afixo: nomes de agentes humanos, adjetivos, nomes de instrumentos, nomes locativos e nomes de árvores. Marinho (2004) também não encontrou formações intensivas *X-eiro* nas primeiras fases históricas do português em seu estudo sobre produtividade lexical, embora mostre ser essa acepção muito usual nos dias de hoje. Antes do século XIII, portanto, os produtos com *-eir-* são adjetivos (dianteiro, traseiro) e agentivos profissionais (vaqueiro), segundo Rio-Torto, dando continuidade ao valor latino de *-ariu-*. Ao longo da história, percebe-se um enriquecimento semântico e o afixo vai figurar em produtos com sentidos abstratos. A partir do século XIII, crescem numericamente os nomes locativos e de nomes de árvores e no século XV surgem nomes de estados (cegueira) e nomes de quantidade/ intensidade, como ‘cabeleira’ e ‘nevoeiro’. De acordo com a autora, somente no século XIX é que são atestados nomes de estados “em que se V intensamente” como “baboseira”, “barulheira” etc. Vale a pena ressaltar que ‘chuveiro’ e ‘nevoeiro’ datam do século XV, de acordo com Viaro (2010), o que mostra que esses valores (intensivo e avaliativo) são concomitantes a diversos valores inscritos no sufixo. Marinho (2004) defende datas diferentes para o surgimento da acepção intensiva:

O que percebemos é que o leque significativo do sufixo apresentou, ao longo dos séculos, acréscimo de duas significações. *As referências a agente habitual e excesso são datadas do século XIX e sobretudo do XX, segundo Cunha (1986). A única acepção, portanto, que deve ter surgido entre a época latina e o século XIX é a de gentílico. Isso ocorreu após o século XVI, em virtude do descobrimento do Brasil por Portugal e a consequente extensão de sentido que viria do agente profissional “brasileiro”, trabalhador do pau-brasil. (MARINHO, 2004, p. 59)*

As datações de Marinho (2004) não encontram respaldo nas formações apresentadas neste trabalho, como podemos observar mais abaixo. No século XV e XVI, encontramos exemplos de construções intensivas com *-eiro* e para Marinho (*op. cit.*) as construções surgem no século XIX e XX. A acepção gentílica, segundo ele, tem datações mais antigas, contrariando o que defendem Cunha (1997), Rio-Torto (2008), Coelho (2005) e Viário (2007). Marinho (*op. cit.*) concorda, assim como Rio-Torto, entre outros autores já citados neste trabalho, que a acepção agentiva é a primeira do afixo. Também concordamos com o autor ao incluir no grupo produtivo de *-eiro* o sentido intensivo/excesso, pois, como

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

podemos comprovar através dos dados, esse grupo se mostra bastante produtivo nos dias de hoje.

Para Rio-Torto, “uma concepção sequencialista da mudança dificilmente consegue representar os esquemas de simultaneidade dos vários valores de sufixo, desde os mais remotamente atestados até os mais recentes”. (RIO-TORTO, 1998, p. 239).

Viaro (2010) defende uma origem diferente para os chamados ‘intensificadores’. Para o autor, o sufixo *-eiro* de ‘galinheiro’ (locativo) é bastante antigo e remonta ao século III a.C.; trata-se de forma neutra que sofreu reforço semântico de uma convergência com o sufixo *-árrion* grego formador de coletivo e dele vem o sentido derivado de ‘grande quantidade’ e, por conseguinte, de ‘grande intensidade’. Com essa informação, torna-se necessário investigar o sufixo grego (*-árrion*) para confrontarmos com as outras informações creditadas neste trabalho.

Coelho & Simões Neto (2014) concordam com Viaro (2011) que a acepção de coletivo do sufixo, amalgamada com a de locativo, provém de uma convergência semântica do *-arium* latino, que formava locativos com o *-árrion* grego que formava coletivo. Mas, na conclusão do artigo, Coelho & Simões Neto discordam de Viaro (2011), alegando que “tendo em vista outras amálgamas, podemos considerar que o próprio potencial polissêmico do sufixo lhe dê essa dupla acepção, por assim dizer” (COELHO & SIMÕES NETO, 2014). Na verdade, os autores apresentam uma contradição dentro do próprio trabalho. Também encontramos em Coelho & Simões Neto (2014) divergência no que se refere à descrição dos considerados ‘coletivos’ e ‘intensificadores’; na seção em que apresentam a visão de Rocha (1998), os autores discordam desse morfólogo, que considera “aguaceiro”, “nevoeiro” e “berreiro” como exemplos de coletivos. Nas palavras dos autores: “Podemos entender que os termos ‘aguaceiro’, ‘nevoeiro’ e ‘berreiro’ estariam mais bem categorizados se o autor considerasse uma classificação ou ideia de ‘intensidade, acúmulo e aumento’ como feito por Cunha & Cintra (1998)” (COELHO & SIMÕES NETO, 2014, p. 94), porém na subseção 7.2, intitulada ‘análise semântica’, os autores colocam esses mesmos exemplos, “aguaceiro” e “nevoeiro”, como fenômeno da natureza, assim como “fumaceiro”, retirando de *-eiro* nessas formações a acepção de intensidade/excesso e colocam “berreiro” num grupo intitulado ‘ato iterativo, excessivo, duradouro’, trazendo como exemplo de “coletivo e acúmulo” construções como “cancioneiro” e “trabalheira”.

Neste trabalho, concordando com Viaro, pois entendemos que ‘galinheiro’ tanto faz referência ao local como a uma quantidade do que se encontra nesse local, no caso, galinha. Mas sabemos que o afixo -eiro em ‘galinheiro’ pode não atualizar uma ideia de grande quantidade, além do local. Vejamos um exemplo desse caso em (03):

- (03) “Seu Zé, quantas galinhas sobraram no galinheiro depois que caiu o barranco?” – “Uma”.

No exemplo acima não há a atualização das duas acepções no afixo. É lícito afirmar que quando a base tem como referente elemento quantificável, como ‘formiga’, ‘galinha’, ‘vespa’, podemos identificar na forma *output* (com o sufixo) a ideia de local amalgamada com a de quantidade. Não entraremos na questão do amálgama de outras construções com -eiro, como ‘cafeteira’ e ‘chaleira’, que para alguns autores são objetos e para outros, são locativos. Há, ainda, autores como Coelho & Simões Neto (2014) que sugerem a análise como objeto em que se faz e armazena (chá, café) – Produtor e armazenador. O que nos interessa são as construções em que -eiro atualiza a acepção de intensificador e quantificador. Como já observado nas pesquisas realizadas, há uma incoerência na separação e quantificação dos grupos semânticos de -eiro e também há variação na identificação desses grupos. Rocha (1998) classifica ‘berreiro’, ‘nevoeiro’, aguaceiro’, entre outros exemplos, como coletivo/conjunto, ao passo que Cunha & Cintra (1998), Marinho (2004), Gonçalves & Almeida (2005), Viaro (2011) o identificam como <<intensidade, acúmulo>>. Nesta pesquisa, concordamos com as análises de Marinho (2004) e Viaro (2011), pois nos parecem mais coerentes e compatíveis com os dados. Villalva (2000) separa os grupos de -eiro e coloca formações como ‘berreiro’, ‘nevoeiro’, ‘cabeleira’, ‘poeira’ no grupo de intensificadores ou coletivo. Observemos, portanto, em (04), exemplos com o formativo com acepção de intensividade/acúmulo/excesso e suas respectivas datações.

Afixo -eiro	Base substantiva	Base participial	Base adj.
Quantidade	aguaceiro (1557), buraqueira (1899), cabeleira (1420), chuveiro (1534) ⁷¹ lamaceira (1899), pi-	choradeira (1720)	

⁷¹ Não há concordância na datação desta palavra “chuveiro” entre autores como Viário (2007), séc. XV e O lexicógrafo Houaiss (2009), séc. XVI.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

	olheira (-), poeira (1554) roubalheira (1899)		
Intensidade	barulheira (1899), fumaceira (1899), luzeiro (sXIV)		Bobeira Doideira maluqueira

Quadro 4: Produtos com o afixo *-eiro* com semântica de acúmulo/ excesso.

Com base no estudo histórico, podemos afirmar que a semântica de ‘quantidade’ e ‘intensidade’ não foi primeira no sufixo *-eiro*. Esse valor semântico foi adquirido depois, mas com algumas datações não tão recentes.

2.5. O sufixo *-udo*, desde sua origem.

O afixo tem origem no latim na forma *-ūtus -a -um* que designava o particípio passado dos verbos de segunda conjugação. Desse modo, *-udo* é um sufixo formador de adjetivos derivados de nomes e designa desenvolvimentos notáveis, exagerados de uma parte do corpo. É sufixo de abundância, excesso, característica aumentada; encontrado na língua desde o século XIII, talvez pela convergência da desinência de particípio passado, como referido acima, com função adjetiva. De acordo com Teyssier (2007), o particípio passado de verbos da segunda conjugação em *-udo* sofre modificação, de *-udo* passa a *-ido*, ‘perdudo’ passa a ‘perdido’; essa mudança ocorre entre os séculos XIV e XVI, num momento em que a língua passa por diversas transformações que tiveram por objetivo a fixação da morfologia e da sintaxe. Pharies (2002) afirma que o formativo remonta da terminação latina *-ūtus -a -um*: *-u* vogal procedente de substantivo da quarta declinação, mais *-tus*, sufixo adjetivo que indica posse (*aurītus* – que tem orelhas grandes, ‘orelhudo’). Mais tarde se agrega a palavras de outras declinações (*nāsūtus* – ‘narigudo’). Assim, podemos afirmar que, como o formativo *-ão*, *-udo* não é um sufixo puro em português, pois temos em sua forma um ‘*u*’, vogal latina de nomes de quarta declinação + *-tus*, sufixo latino formador de adjetivo que indica posse. Há poucos exemplos no Latim literário. *Barbatus*, *capillatus*, *cornutus* são exemplos de uso no latim vulgar.

Em muitas formações com *-udo*, podemos perceber que na conceptualização desse sentido (de aumento) funciona um princípio metonímico *de parte-todo*, incluindo uma semântica de posse. Como já foi explicitado, ‘narigudo’ denomina aquele que possui o nariz grande, ou

seja, focaliza uma parte do corpo, mas faz referência ao possuidor, diferentemente de ‘narigão’, que indica um nariz grande, não apontando para o possuidor. Nesse último caso, o foco está apenas no nariz.

Rosa (1983) exclui as construções *X-udo*, a exemplo de ‘cabeludo’, da categoria aumentativo, pois para a autora ‘cabeludo’ faz referência a ‘aquele que tem muito cabelo’, ou seja, o referente é diferente. Para ela o referente deveria ser ‘cabelo’ e não o possuidor dessa grande quantidade de cabelo. Dito de outra maneira, para Rosa não importa que o termo ‘narigudo’, por exemplo, somente possa ser utilizado se o ‘nariz’ for grande. Temos um ponto de vista diferente, pois percebemos que há sim uma possibilidade de ordenamento numa mesma escala entre esse item e outro a ele morfológicamente relacionado – fator exigido pela própria autora para justificar a inclusão ou não de um exemplar na categoria aumentativo. Defendemos neste trabalho a inclusão das construções *X-udo* na categoria aumentativo com base nas ideias de projeção, defendidas por Fauconnier (1996), e de perfilamento. (Cf. LANGACKER, 1987)

Agregado a bases abstratas, como em ‘sortudo’, *-udo* não apresenta a relação metonímica de parte-todo, porém, assim como o que indica dimensão, faz referência a um possuidor e neste caso, o possuidor não tem ‘X grande’ e sim ‘X em grande quantidade’. Já no caso de ‘boazuda’, ‘loiruda’ e ‘piranhudo(a)’, o afixo é adjungido a uma base adjetival e temos como paráfrase “aquele que é muito X”. Em ‘crackudo’, o afixo *-udo* atualiza uma ideia de ação, ‘aquele que usa crack’, concepção esta que remonta ao seu uso original: participio passado e guarda a ideia de ação. Vejamos os exemplos em 5, a seguir:

Afixo <i>-udo</i>	Base substantiva	Base Adjetivo
Dimensão	Bigodudo, bochechudo (c1560), cabeçudo (1220), cabeludo (sXIII), carrancudo (1562), joelhudo (1858), narigudo (1716), orelhudo (sXV), olhudo (1720), ossudo (1720), rombudo (1899), troncado (sXX)	
Metonímia/ Metáfora	Abelhudo (sXV), olhudo (1720), linguarudo (1769), raçudo, topetudo	piranhuda
Intensidade/ quantidade	Classudo, posudo (s/data), sortudo, tesudo (s/data)	Boazuda, loiruda

Quadro 5: Produtos com o afixo *-udo*

Como podemos observar, o sufixo *-udo* é utilizado desde o latim vulgar com ideia de aumento, porém diferenciando-se do sufixo prototípico *-ão*, pois era ricamente utilizado para formar adjetivos a partir de

bases substantivas com uma semântica de posse. Atualmente, é adjungido a bases abstratas como (a) ‘sorte’, ‘sortudo(a)’, (b) ‘classe’, ‘classudo(a)’, (c) ‘tesão’, ‘tesudo(a)’, todas já dicionarizadas, e a bases adjetivas, a exemplo de ‘boazuda’, ‘loiruda’, ‘piranhuda’, fato que aponta para o enriquecimento semântico e uma ampliação de seu uso.

2.6. O sufixo *-aria* desde sua origem

O sufixo *-aria* tem origem no latim. De acordo com o lexicógrafo Houaiss (2009), o afixo *-aria* remonta de duas fontes, *-ia* e *-eiro*, donde resulta *-eria* e este em *-aria*. O formativo *-eria* tanto pode ter tido forma portuguesa interna (à analogia e, por vezes, influência do espanhol *-eria* e do francês *-erie*), como pode ter sido desde o início concorrente com *-aria* pelas influências referidas. Criava substantivos de substantivos e adjetivos e por vezes de verbos, tendo, inicialmente, conexão entre agente e ação (‘cavaleiro’ – ‘cavalaria’, ‘oleiro’ – ‘olaria’, ‘chapeleiro’ – ‘chapelaria’), com essa relação logo se estendendo para a noção de coleção, conjunto.

Observemos as acepções do formativo, incluindo a noção de aumento: Em (a) temos a *nomeação de cargos e patentes*; ‘cavalaria’ (1257), ‘engenharia’ (1789), ‘infantaria’ (1510), ‘secretaria’ (sXV); (b) *estado*: ‘calmaria’; (c) *arte*: ‘lapidaria’, (d) *fábrica, oficina, estabelecimento (local)*: ‘chapelaria’ (1858), ‘charutaria’ (1871), ‘cervejaria’ (1881), ‘churrascaria’ (1961), ‘drogaria’ (c1508), ‘perfumaria’ (1836), ‘lapidaria’ (1752-1797), ‘malharia’ (s/d), ‘pizzaria’ (sXX), ‘padaria’ (1720), ‘papelaria’ (1881); (e) *ação de alguém*: ‘asnaria’ (1676), ‘bruxaria’ (1727), ‘patifaria’ (1836), ‘zombaria’ (sXV); (f) *coletivo*: ‘bicharia’ (1712), ‘maquinaria’ (1858), ‘vidraria’ (1813) ou ‘vidraçaria’ (1836); (g) *grande quantidade*: ‘boataria’ (1902), ‘rouparia’ (1635-1688), ‘velharia’ (1881).

De acordo com Maurer Junior (1959), o latim possuía o sufixo *-arium* (*arius*) e *-aria*, cuja origem estaria, às vezes, no feminino e às vezes no plural neutro e traz como exemplo ‘caldaria’ e ‘carraria’. Para Viaro (2011), o latim disporia, entre seus sufixos, das formas *-arius* e *-arium*, ambas fonte do sufixo *-eiro* e de seu paralelo culto *-ario*. Uma forma feminina singular em *-a* poderia ser interpretada como neutra, plural em *-a* (produzindo assim uma forma coletiva), o que vem ao encontro do que diz Maurer Junior (*op. cit.*). Em Pharies (2002), encontramos uma explicação um pouco diferente. Para o autor, o sufixo *-aria* é na verdade

uma junção do afixo *-eiro* (na verdade de seu paralelo culto *-ario*) com *-ia*. Entre outras acepções, o autor atribui ao afixo a acepção de conjunto de coisas ou de pessoas e é a partir desse sentido que identificamos o sentido de aumento.

O sufixo *-aria* é extremamente rico semanticamente e é agregado a uma mesma base com acepções diferentes, como ‘vidraria’ que pode ser a fábrica de vidros, o estabelecimento comercial onde se vendem vidros, o comércio com vidros, o conjunto de vidros ou objetos de vidro e a arte de fabricar vidros. O mesmo ocorre com ‘pescaria’ (842), que pode atualizar a semântica de ato de pescar, a técnica de pescar, a indústria dos pescadores ou pesca e grande quantidade de peixes. Villalva (2000) identifica um grupo de intensificadores ou coletivos na semântica de *-aria* e cita exemplos como: boataria, calmaria, doçaria, escadaria, gritaria, judiaria, pancadaria, rouparia, velharia etc.

Afixo-aria	Base substantiva	Base participial
Quantidade	bicharia (1712), boataria (1902), gritaria (1726), prataria (1899), piolharia (1720), rouparia (1635-1688), os-saria (1836), pancadaria (1858), velharia (1881)	
Intensidade	Calmaria	risadaria (s/d)
Dimensão	Peitaria	

Quadro 6: As acepções aumentativas de *-aria*.

2.7. O sufixo *-oso* desde sua origem

O afixo *-oso* é proveniente do latim *-ōsus*, *-a -um* e fecundo na formação de adjetivos que indicam qualidade; é proveniente de temas nominais, consoante Machado (1961). A origem é complicada segundo o autor, pois é proveniente da raiz *-wnt-*, precedida de vogal temática *-o-*, e ampliada com o sufixo *-to-*: *o-went-to*, cuja evolução fonética seria: *-owentto-*, > *-on-tsto-* > *-onso-* > *-osso-* > *-ōso-* (MACHADO, 1961, p. 360). O autor cita como exemplos *form-osus*, *glori-osus*, *libidin-osus*, tirados respectivamente dos substantivos *forma*, *glória* e *libido*. Machado inclui apenas uma forma adjetiva com origem verbal: *bib-osus*, do verbo *bibo*. Para Pharies (2002), o afixo é muito produtivo e se agrega a bases, prioritariamente, substantivas e raramente se agrega a bases adjetivas e verbais; sua acepção principal é de abundância, propensão e semelhança. Sua função central é formar adjetivos. Quando agregado a bases abstratas, o afixo atualiza uma acepção de aumento (abundância) do que se denota na base: ‘medo’ > ‘medroso’ (XIII). Quando agregado à base con-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

creta, o sufixo serve para derivar palavras relacionadas à área de medicina: ‘fibroso’, ‘bolhoso’, ‘bulboso’ e termos da área de química: ‘cloroso’, ‘fosforoso’, ‘nitroso’, ‘sulfuroso’, não havendo, nessas construções, a noção de aumento.

Segundo Basílio (2006), o afixo tem função predicativa e adiciona elementos semânticos aos do substantivo base, nesse caso, a noção é ‘provido de’. De acordo com a autora, o sufixo *-oso* se adiciona a substantivos latinos primitivos ou derivados e acrescenta a ideia de posse ou provimento em relação ao significado da base.

Para Bybee (2010), exemplares com o sufixo *-oso* trazem uma reflexão a respeito do conceito de composicionalidade. Composicionalidade é uma noção semântica e se refere ao grau de previsibilidade do significado do conjunto a partir do significado dos componentes. Para a autora, palavras derivadas podem ser composicionais ou não e ela nos fornece exemplos como ‘esperançoso’ e ‘cuidadoso’, afirmando que esses itens lexicais têm significados bem previsíveis com base nos substantivos-base e no sufixo *-oso*; porém ‘maravilhoso’ é menos composicional, uma vez que ‘maravilhoso’ indica uma avaliação positiva não necessariamente veiculada em ‘maravilha’, que é a origem. Essa assertiva ajuda na análise dos dados e de sua inclusão ou não na construção sufixal de aumentativo. Quanto à manutenção ou não da vogal final, Scalise (1983) afirma que, quando a vogal final é tônica, em latim, ela permanece, como em “*virtù*” > “*virtuoso*”. Já “*fama*” tem a sílaba ‘*fa*’ mais forte, a vogal de ‘*ma*’ é átona e cai, ao acrescentarmos *-oso*, gerando assim, ‘famoso’. Examinemos alguns exemplos no quadro 7:

Afixo <i>-oso</i>	Base substantiva	Base adjetiva
Intensidade	Espirituoso (1462), ganancioso (1696), gorduroso (1844), horroroso (1708), luxuoso (1873), talentoso (sXIV), monstruoso (1563-1570), montanhoso (sXIII), oleoso (1661), pomposo (sXIV), precioso (séc.XIII), preguiçoso (sXIII)	Belicoso (c1508)
Metonímia	Fogoso (1574-1590)	

Quadro 7: Produtos com o sufixo *-oso*

2.8. O sufixo *-ento* desde sua origem:

O afixo *-ento* proveio do latim (*-entus*, *-a* *-um*) com a mesma função intensificadora. Conforme Pharies (2002), o sufixo *-ento* é formador de adjetivo, geralmente pejorativo, e é agregado a bases nominais. Surge

pelo falso corte do sufixo latino *-ulentus*, étimo do sufixo culto *-lento*, que denota abundância de alguma coisa ou característica. A forma *-ento* seria um alomorfe. São exemplos de derivados latinos as formas (a) *lutulentos* (cheio de lodo – *lutum -i* ‘lodo’) e (b) *aquilentus* (aquoso, abundante em água – *aqua -ae* ‘água’). Ernout (1949) apresenta uma explicação diferente para a gênese do sufixo latino *-ulentus* (cf. PHARIES, 2002, p. 321). Para Ernout, *-ulentus* representa o encadeamento do sufixo verbal *-ul-*, como ‘*bibulus*⁷²’ (que bebe muito – *bibō -ere* beber); *credulus* (crédulo – *credō -ere* crer) e a terminação de *cruentus* (sangrento – *cruo -ōris* – sangue derramado), tendo como ponto de partida a palavra ‘*violentus*’ (violento), de *vis* (força) e o verbo correspondente *violō -āre* (fazer violência a.). A existência de sufixos diminutivos *-ulo*, *-ula* ao lado de formas simples pode ter contribuído para o aparecimento de formas como ‘*faeculentus*’, ‘*glēbulentus*’. Pharies afirma que “Estamos, pois, diante de um aparente processo *-entus* > *-ulentus* > *-ento*, onde tanto a adição como a subsequente perda de *-ul-* depende de uma reanálise morfológica da terminação”.⁷³ (PHARIES, 2002, p. 321)

É importante observar que Machado (1941) afirma que: “Do sufixo *-lo/-la* precedido de *u*, formou-se o sufixo *-ulo/-ula*, que entra em um bom número de substantivos de agente, muitos deles tomados de adjetivos substantivados; construídos sobre raízes verbais: ‘*bib-ulo-s* > *bibulus*, *credulus*, *querulus*, *tremulus*’. (MACHADO, 1941, p. 347). Analisando os exemplos, ousamos afirmar que havia já em *-ul(o)* um sentido de intensidade.

Algumas formações em língua Portuguesa conservam restos do segmento do sufixo latino, como ‘corpulento’, *sanguinolento*, *sonolento*, *fraudento*.

Para o dicionarista Houaiss (2009), *-ento* é um sufixo formador de adjetivos intensificados (‘com muito de, abundante em’), generalizando seu uso a muitas formas, segundo ele, vulgares como ‘barulhento’, bor-

⁷² De acordo com Machado (1941), ‘*bibulus*’ é um agentivo proveniente de um adjetivo substantivado criado a partir de base verbal, assim como ‘*credulus*’ e tantos outros. O dicionário (FARIA, 1994:80) traduz ‘*bibulus*’ como: “que bebe bem, que é bom bebedor, que gosta de beber”.

⁷³ “Estamos, pues, ante un aparente proceso *-entus* > *-ulentus* > *lento*, donde tanto la adición como la subsequente pérdida de *-ul-* depende de un reanálisis morfológico de la terminación”. [Tradução nossa]

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

bulhento’, ‘sangrento’. Observemos o quadro abaixo com alguns exemplos e suas respectivas datações.

Afixo -ento	Base substantiva
Quantidade	aguacento (s XV), babento, corpulento (1675), dinheirento, fumacento, fraudulento (séc. XIV), lamacento (1716), piolhento (1858), poeirento (1881)
Intensidade	barulhento (1871), briguento (1789), calorento (s/d), friorento (séc. XIV), marrento (1990)

Quadro 8: Produtos com o sufixo -ento e suas acepções.

Como podemos observar, o formativo apresenta, desde sua origem, a acepção aumentativa e possui sempre como produto um adjetivo.

2.9. O grau aumentativo de acordo com a Gramática de Mira Mateus (2003) e Villalva (2000).

No capítulo em que aborda os processos de formação de palavras, a gramática portuguesa organizada por Mira Mateus (2003) trata os sufixos de grau de uma forma diferente das até então apresentadas. Nas palavras da Villalva que assina o capítulo:

Tendo em conta que a descrição da interpretação da semântica das palavras que esses sufixos integram é complexa, não se esgotando na expressão de dimensão (...) e admitindo que, qualquer que seja o efeito da adjunção de um destes afixos, todos eles exprimem um juízo de valor do locutor relativamente ao conteúdo semântico da forma de base, adopta-se, para os identificar, a designação de avaliativos. (MIRA MATEUS, 2003, p. 958)

Villalva (*op. cit.*) inclui os avaliativos no rol dos sufixos modificadores – que é o caso de aumentativos, diminutivos e superlativos. Porém, exclui desse grupo os exemplos de aumentativos que outros autores chamam de lexicalizados, idiomatizados ou com significação especializada: ‘caixão’, ‘portão’, ‘garrafão’. Para ela, essas formações apresentam o sufixo *-ão* derivacional.

Desse modo, temos como resultado três estatutos diferentes para a sufixação em português: flexional, derivacional e avaliativa. O sufixo *-ão* pertence aos dois últimos, a depender do resultado do produto. Portanto, para a autora, o grau não é nem flexional nem derivacional; tem uma classificação à parte. Podemos observar exemplos como ‘caixa’ – ‘caixona’, em que *-ona* é sufixo avaliativo, e ‘caixa’ – ‘caixão’, em que *-ão* é sufixo derivacional. Essa mesma relação aparece em outros exemplos, como em ‘porta’ – ‘portona’ – ‘portão’, ‘garrafa’ – ‘garrafona’ – ‘garrafão’. Segundo Villalva (*op. cit.*), sufixos que definem o valor do gênero

(base feminina + sufixo *-ão* = produto masculino), como em ‘perna’ > ‘pernã’, são sufixos derivacionais responsáveis pela relação de hiperonímia-hiponímia. Para ela, os sufixos modificadores (avaliativos) não são responsáveis por mudança de classe, ou seja, base e produto devem pertencer à mesma categoria lexical, não admitindo sequer a mudança de gênero; caso isso ocorra, estaremos diante de um sufixo derivacional ou um pseudoavaliativo. Observando as afirmações da autora, chegamos à conclusão de que, para ela, o sufixo aumentativo *-ão*, quando avaliativo, exprime apenas dimensão. Quando se trata de valoração e lexicalização, a autora inclui o afixo na classe dos derivacionais. Em outras palavras, a autora afirma que estamos diante de dois sufixos diferentes, certamente homônimos (embora ela não chegue a afirmar isso categoricamente) e exclui a possibilidade de tais formações exibirem o mesmo elemento morfológico, com diferentes acepções, sendo, por isso mesmo, um formativo polissêmico por natureza.

Em Villalva (2000), a autora defende que flexão e derivação são processos distintos e que sufixos flexionais e derivacionais ocupam diferentes posições estruturais. Para a autora, sufixos flexionais selecionam temas e geram palavras, eles não mudam a categoria sintática da base, como também não admitem recursividade; já os sufixos derivacionais são adjungidos a radicais, determinam a categoria sintática da base e admitem a recursividade. Ainda segundo a autora, os sufixos avaliativos, como já afirmado nesta seção, integram processo independente quer da flexão, quer da derivação e são incluídos entre os modificadores morfológicos, assim como os prefixos *des-* (desatento) e *in-* (infeliz). Na derivação, o sufixo é o núcleo da estrutura, trata-se de um processo de predicação morfológica e a flexão é um processo de especificação morfológica, já os avaliativos, segundo Villalva, não possuem nenhuma das duas funções, configura um processo que gera, por adjunção, estruturas categorialmente idênticas às estruturas de base e que é paralelo à prefixação com formas como ‘super’ ou ‘mini’. Observemos exemplos da autora:

atrevidão > superatrevido,

carrinho > minicarro.

Scalise (1984, *apud* VILLALVA, 2000) defende que os sufixos avaliativos têm comportamento parcialmente distinto quer da derivação, quer da flexão e os coloca num grupo autônomo. Villalva concorda com a separação dos avaliativos assim como Scalise e acredita que os modificadores morfológicos operam exclusivamente sobre categorias morfos-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

semânticas, acrescentando informação. A autora afirma que a sufixação avaliativa é um processo de modificação morfológica, como já mencionado anteriormente, e os distribui em quatro categorias, da seguinte forma:

1. diminutivo
2. aumentativo
3. valorativo
4. pejorativo

Villalva afirma que os sufixos avaliativos modificam a semântica da base, caracterizando a sua dimensão (diminutiva ou aumentativa) e valorizando ou depreciando a sua qualidade. Tais categorias são descritas com paráfrases da seguinte forma pela autora. (VILLALVA, 2000, p. 311):

Diminutivo: ‘pequeno N’

Aumentativo: ‘grande N’

Valorativo: ‘bom N’

Pejorativo: ‘mau N’

Quando adjungido a bases adjetivais e adverbiais apresentam valores atenuativos, intensificador, valorativos e pejorativos. Na descrição dos avaliativos a autora utiliza apenas o diminutivo em sua exemplificação. As formações com ‘z’ como ‘papelzinho’, ‘florzinha’, ‘aldeãozinho’, a autora coloca em grupo diferente: Z-avaliativo. Villalva considera ‘-zinho’ um outro sufixo e acha inaceitável analisar o ‘z’ como infixos, pois este se associa à base existente e produz novas formas que, pelo menos, possuem interpretações semânticas distintas das formas de base, que para ela são palavras flexionadas. Para Nunes este ‘z’ é consoante de ligação, para Mattoso ‘-zinho’ é uma variante de -inho. Em toda descrição a autora apenas apresenta exemplos no diminutivo. A autora segue a teoria *X-barra* (com base nos estudos de Sportiche, 1989) que na morfologia, ela chama de *XM-barra*. Para Villalva, em português, tanto o radical (unidade lexical pertencente a uma categoria sintática) como o tema (estrutura morfológica que resulta da adjunção do índice temático) e também a palavra (estrutura morfológica formada pela adjunção da flexão morfológica ao tema) podem estar na base de processo de formação de palavras. Com base nisso, a autora substitui a hipótese de base-palavra de

Aronoff (1976) por Condição sobre a base. Observemos exemplos da autora:

Radical (base)

Cert	(rad.adj)	→	certeza
Livr	(rad. n)	→	livreiro
Sabor	(rad. n.)	→	saboroso
Intruj	(rad. v)	→	intrusão
Barc	(rad. n.)	→	barcaça
Grit	(rad. n.)	→	gritaria
Valent	(rad. adj)	→	valentão

Tema (base)

Certo	(t. adj)	→	certo
Organiza	(t. verbal)	→	organização
Discuti	(t. verbal)	→	discutível

Palavra (base)

Previsível	(adj)	→	imprevisível
Papel	(n)	→	papelzinho

Villalva afirma que a palavra é uma base disponível para os processos de prefixação e para alguns processos de sufixação deadjetival e denominacional. Segundo esta assertiva, a palavra não é base disponível para sufixação deverbal, pois a mesma seleciona radical (respondão) ou tema (respondedor). Como podemos observar com os exemplos de Villalva (2000), os afixos que atualizam uma semântica de aumento são adjungidos a radicais assim como os sufixos da morfologia derivacional e admitem recursividade, mas nem todos são responsáveis por mudança de categoria sintática como *-oso*, *-udo*, *-ento*. Já os sufixos *-eiro*, *-ada* e *-aria* (com teor aumentativo) não são responsáveis por mudança de categoria sintática, o que para a autora deve ocorrer na morfologia flexional, a pesar de propiciarem a mudança de gênero, fato que os excluiam desta mes-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ma morfologia. No caso do afixo *-ão*, observamos um comportamento diferente; quando acrescido a bases nominal, adjetival ou adverbial, não muda a categoria sintática da base, mas quando acrescido a uma base verbal, sim, promove essa mudança. Portanto, os sufixos estudados têm características flexionais e derivacionais, podendo ser analisados num *continuum* flexão-derivação como apresentado em Alves (2011).

3. *A visão da gramática das construções*

Defendemos que a base teórica da linguística cognitiva, mais precisamente a gramática das construções, ajuda-nos a entender o uso dos afixos aumentativos e a interpretação das formas de output com esses sufixos. O conhecimento de uma forma pode suscitar a formação de outra com significado mais específico que atenda aos objetivos comunicativos. Nesse caso, temos perfílamentos diferentes para cada cena que a construção evoca. Os conceitos pertencentes a esse aporte teórico corroboram com esta pesquisa sobre os afixos com acepção de ‘aumento’, aqui considerados como uma categoria que expressa uma relação existente entre um significado considerado normal e outro considerado *acima* numa escala (de dimensão, intensidade e quantidade, incluindo valores pragmáticos).

As acepções que tais afixos veiculam se concretizam em formas gramaticais diferentes e essa diferença na forma aponta diferença no perfilamento, que é resultado da combinação resultante da atividade cognitiva que o item linguístico ativa. Como afirma Langacker (1987), um mesmo significado pode se concretizar em diferentes formas gramaticais de acordo com a forma que se construa ou profile. Os itens lexicais ‘cabeção’, ‘cabeçudo’, ‘cabeleira’ e ‘cabelada’, por exemplo, apresentam diferença na forma; logo, devem apresentar também diferenças no frame que cada forma ativa que justificará uma diferença semântica ou pragmática.

Como o objetivo deste trabalho não é o de explicar as construções com tais afixos (objetivos de um outro trabalho em andamento), não focalizaremos aqui os pressupostos da dita teoria.

4. Considerações finais

Esse passeio descritivo a respeito dos afixos aumentativos nos mostra o quanto é importante um estudo minucioso e atualizado sobre eles e foi o que nos propomos fazer neste trabalho que deixou explícito o ponto de vista de vários autores evidenciando a divergência e a convergência entre eles. Fazer a análise dos afixos nas mais diversas literaturas de cunho morfológico nos mostrou sim que não há consenso entre os autores na descrição dos formativos, mas deixou claro que os critérios diacrônico e o sincrônico são imprescindíveis para uma análise mais sistemática sobre os sufixos, de forma geral. Como podemos observar, esses elementos passaram por transformações ao longo de sua história e alguns deles nem sempre desempenharam funções que hoje exercem e foram essas mudanças que os tornaram dotados de alta capacidade e potencialidade de formar palavras. Esta pesquisa faz parte de um trabalho que está em construção a respeito da categoria aumentativo, analisada de acordo com os pressupostos da linguística cognitiva. Trabalhar com os preceitos dessa teoria se torna um privilégio, pois possibilita uma análise mais detalhada desses formativos, seu potencial de uso e sua produtividade, salientando seus valores semânticos e pragmáticos, não importando se estes sufixos pertencem à morfologia flexional ou derivacional, pois oferece a possibilidade de um *continuum* entre essas morfologias e a formalização de uma rede construcional para essa categoria. Um dos objetivos deste trabalho é mostrar que o percurso histórico atrelado aos pressupostos da teoria da linguística cognitiva explica o motivo da inflexão aumentativa adquirida por tais formativos ao longo de sua história.

Diante do exposto, esperamos ter mostrado que os afixos têm, hoje, um uso extremamente enriquecedor e possuem capacidade linguística de enorme expressividade e que a pesquisa contribua com os estudos em língua portuguesa e, principalmente, com o avanço dos estudos morfológicos nessa perspectiva teórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Lúcia, Leitão de; GONÇALVES, Carlos Alexandre. Polissemia sufixal: o caso das formas em -eiro – propostas e problemas. In: XX Encontro anual da APL. Lisboa. *Actas...* Lisboa: APL, 2006, vol. 1, p. 204-215.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ALVES, Regina Simões. *O processo de formação de palavras com o sufixo aumentativo -ão: uma análise cognitivista*. 2011. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). – Faculdade de Letras/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BECKER, Martim. O sufixo *-ada* em português: aspectos diacrônicos. In: VIARO, Mário Eduardo. (Ed.). *Morfologia histórica do português*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 118-153.

BERNARDO, Sandra. Mesclagem conceptual em análise de cartum. *Veredas on-line*, Juiz de Fora: UFJF, p. 251-261, 2011. Disponível em <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-181.pdf>>

BYBEE, Joan. *Morphology*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino português*. 6. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

GOLDBERG, Adele. *Contructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1995.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford, Cal.: Stanford University Press, 1987.

MACHADO, José. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1972.

MARINHO, Marco Antônio Ferreira. *Questões acerca das formações X-eiro do português do Brasil*. 2004. Dissertação (de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2003.

MAURER JR, Theodoro H. *A gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

RIO-TORTO, Graça Maria. Mudança genolexical: teoria e realidade. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. Porto, 2008, vol. 3, p. 223-240.

ROSA, Maria C. A. P. *Formação dos nomes aumentativos: um estudo da produtividade de alguns afixos portugueses*. 1982. Dissertação (de Mestrado). – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SAID ALI, Manoel de. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

SIMÕES NETO, Natival Almeida; COELHO, Juliana Soledade Barbosa. O morfema -eir- no português brasileiro contemporâneo. *Literatura y Lingüística*, vol. 35, n. 65, p. 87-111, 2014. Disponível em: <http://hispadoc.es/download/articulo/4766148.pdf>

TAKAHASHI, Mônica Yurico. *Mudanças semânticas no sufixo -ada*. In: VIARO, Mário Eduardo. (Ed.). *Morfologia histórica do português*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 335-350.

VÄÄNÄNEN, Veiko. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos. Biblioteca Universitária, 1968.

VIARO, Mario Eduardo. *A especialização do sufixo latino vulgar -arium*. Universidade de Évora, 2010.

_____. A formação do significado agentivo de -eiro. In: XVI Congresso Internacional de la ALFAL, Alcalá de Henares. *Actas...* Alcalá de Henares, 2011, p. 2671-2679.

VILLALVA, Alina. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquia do Português*. Lisboa: FCT, 2000.